

# O RECONHECIMENTO DE SI, POR MEIO DA FANTASIA, EM SOU EU! (2009), DE JOÃO GILBERTO NOLL

Isaque da Silva Moraes<sup>1</sup>

**Resumo:** A literatura juvenil traz, como uma de suas marcas, personagens adolescentes que estão em processo de reconhecimento de si, perante o meio social. Ao debruçarmos sobre esses personagens, é possível perceber o quão subjetivo é esse processo. Nesse sentido, este trabalho pretende realizar uma interlocução entre a literatura e os pressupostos psicanalíticos, a partir do conto *Sou eu!* (2009), de João Gilberto Noll, a fim de evidenciar como as fantasias se desdobram sobre a adolescência e, por intermédio do texto literário, apresentar um panorama dessa relação. As elucubrações são respaldadas pelos constructos teóricos freudianos, mediante um viés bibliográfico de pesquisa, por intermédio de autores como Ferreira (2018), Nasio (2007), Coutinho (2009) e Calligaris (2000). Como resultado, observou-se o processo identificatório do sujeito – por meio das fantasias – e os percalços da adolescência na narrativa.

**Palavras-chave:** João Gilberto Noll. Literatura Juvenil. Fantasia.

THE RECOGNITION OF SELF, THROUGH FANTASY, IN SOU EU! (2009), BY JOÃO GILBERTO NOLL

**Abstract:** Youth literature brings, as one of its hallmarks, adolescent characters who are in the process of recognizing themselves in the social environment. When we look at these characters, it is possible to perceive how subjective this process is. In this sense, this work intends to carry out an interlocution between literature and psychoanalytic assumptions, based on the short story *Sou Eu!* (2009), by João Gilberto Noll, in order to show how fantasies unfold about adolescence and, through the literary text, present an overview of this relationship. The lucubrations are supported by Freud theoretical constructs, through a bibliographic research bias, through authors such Ferreira (2018), Nasio (2007), Coutinho (2009) and Calligaris (2000). As a result, the subject's identification process was observed – through fantasies – and the mishaps of adolescence in the narrative.

**Keywords:** João Gilberto Noll. Youth literature. Fantasy.

<sup>1</sup> Mestrando em Letras (Universidade Federal da Paraíba – UFPB). E-mail: [moraes.isaque050@gmail.com](mailto:moraes.isaque050@gmail.com)

## Considerações iniciais

O conceito de adolescência é estabelecido pela sociedade ocidental apenas no final do século XIX, sendo consolidado somente no século XX, designando esse período da vida como a transição da infância para a adultez. No entanto, os primeiros registros da palavra, no francês antigo *adolescent*, são encontrados referentes aos meninos do século XIII e a palavra *adolescente*, do gênero feminino, só sobrevém no século XV (COUTINHO, 2009). Esse conceito surge num contexto em que as esferas públicas e privadas estão acentuadas na cultura ocidental, ocasionando ao sujeito uma procura individualista para solução de problemas. Dessa maneira, o indivíduo adolescente deve ser considerado dentro dos aspectos sociocultural e histórico no qual está inserido.

A partir do que afirma Coutinho (2009), o contato com as mais diversas culturas fez com que um novo olhar surgisse acerca das particularidades de cada povo, de forma que, com a evolução das pesquisas, os fenômenos singulares das culturas pudessem ser identificados. Sendo assim, compreende-se que a adolescência é, também, um tema antropológico, visto que “comportamentos adolescentes” presentes na modernidade ocidental não são encontrados em outros contextos.

Dentre as diversas consequências da Revolução Industrial do século XIX, vale ressaltar a nova configuração que a família – enquanto instituição social – desenvolveu como esfera de refúgio em relação ao trabalho e a escola. Se a família representa a vida privada, é possível associá-la, também, às transformações que o Romantismo trouxe para aquele período, visto que, diferente dos Iluministas e Protestantes, os românticos estabeleceram uma valoração maior acerca da individualidade e dos sentimentos que germinam nos sujeitos. Destarte, a lite-

ratura romântica é atravessada por diversos dramas familiares particulares e idealizações amorosas, aspectos esses que, similarmen- te, compõem o período da adolescência. Assim, se destacavam no âmbito literário personagens jovens traçados como heróis românticos, segundo o que estabelece Coutinho (2009), como Werther, de Goethe e os personagens de Flaubert e Balzac.

No século XX, uma das maiores preocupações sociais em relação à adolescência é concernente a sexualidade. Nesse período foram criados métodos para tentar conter as “paixões da adolescência”, como a prática da educação física, grupos de escoteiros, de movimentos da juventude cristã e grupos políticos. A convivência social entre os jovens, como grupos, enriqueceu a concepção de adolescência como uma parte separada das outras instâncias sociais (COUTINHO, 2009). Ademais, a evolução e modernização civilizatórias fizeram com que essas concepções primárias fossem superadas, possibilitando na contemporaneidade que o indivíduo adolescente ganhasse destaque nas produções cinematográficas, literárias, um nicho específico de mercado e até mesmo criasse tendências, enriquecendo os ideais imaginários, e sendo, sem dúvidas, espelhos dos tempos atuais.

A despeito das nuances que permeiam essa fase transitória serem, por vezes, obscuras, elas também revelam aquilo que o adulto deseja, mas não pode obter, e que a criança almeja, porém não vivencia. Nesse sentido, o adolescente, assim como afirma Calligaris (2000), é um ideal possivelmente identificatório, pois nessa etapa tudo é vivido em sua máxima intensidade; são hormônios gritando a todo instante, é um desejar incessante e que se torna, muitas vezes, imponderado. Esse ideal adolescente é complexo, justamente, por perpassar as fases anterior e posterior à adolescência, uma vez que o sujeito carrega consigo a mágica da

infância e já percebe, corporalmente, as tramas que aspiram no adulto. Logo, a gama de significações e possibilidades que advém com essa fase engendra diversas perspectivas futuras.

Na contemporaneidade, por seu turno, os ideais moralizantes têm sofrido declínios, considerando que as mudanças culturais determinam configurações distintas às posições do indivíduo no seu contexto. Dessa maneira, as figuras paternas ou em postos de autoridade para os antepassados dispõem de ideais e sentidos dessemelhantes na atualidade. Parte disso acarreta o novo sentido que a adolescência é compreendida, de concepções relacionadas ao erro, e sendo a fase em que o sujeito se rebela, ou seja, se transforma em um outro que não fora percebido na infância e que promoverá implicações talvez não tão agradáveis no futuro adulto. Tais diagramações denotam que cada vez mais cedo, na cultura contemporânea, se manifesta o adolescente, e, progressivamente, mais tarde ele finda essa fase, por vezes, não chegando a concluí-la.

Considerando os aspectos mencionados, metodologicamente, este artigo pretende a analisar como são abordados os percalços da adolescência no conto *Sou eu!* (2009), de João Gilberto Noll, que, em sua prosa poética, discorre, por meio da personagem-protagonista, sobre esse período de transição entre infância e adultez no espaço temporal de um dia, correlacionando à narrativa aspectos estruturais, simbólicos e subjetivos para a construção da obra. Para tanto, utilizaremos de um viés de pesquisa bibliográfica, tecendo considerações sobre a literatura juvenil – com ênfase na produção brasileira – e baseando a análise no prisma psicanalítico acerca da adolescência, como apresentam Calligaris (2000) e Coutinho (2009), a partir dos constructos teóricos do pai da psicanálise Sigmund Freud, além de Ferreira (2018) e Nasio (2007), com a fina-

lidade de discorrer sobre as reflexões imagéticas que compõem a trama.

## Diagramações psicanalíticas acerca da adolescência

Compreende-se a adolescência como uma fase transitória da vida de um sujeito, fase essa que separa o mundo infantil do mundo adulto. Mas, apesar de ser transitória, ela carrega consigo características muito particulares, uma vez que as transformações nela ocorridas são, de maneira geral, perturbadoras. Quando um sujeito se vê diante de uma situação na qual ele tem que abandonar o conforto, ou melhor, a estabilidade de sua infância ao se deparar com a grande e complexa rede de responsabilidades que é imposta ao adulto, ele se sente, geralmente, perdido, confuso e, principalmente, angustiado. Sob essa perspectiva, “o ideal é justamente esse conceito de fronteira entre o individual e o coletivo, que faz com que cada sujeito possa se constituir e se reconhecer numa dada sociedade, com uma dada cultura.” (COUTINHO, 2009, p. 95). Logo, a adolescência proporciona aos sujeitos diversos questionamentos, um dos mais recorrentes é o de como se reconhecer perante a sociedade em que habita.

Assim como afirma Calligaris (2000), o adolescente quando se encontra no meio social quer nele pertencer e isso requer dele, principalmente, uma assimilação das novas metamorfoses que o cercam, desde as corpóreas com a puberdade, à diferente posição que ocupa perante a sociedade. Se agora, ele não pode ter mais atitudes infantis e não está completamente preparado para assumir o ser adulto, o que fazer? São essas nuances que se apresentam como prenúncios de crises psíquicas que afetam o indivíduo parcialmente e/ou totalmente. Dessa maneira, o desejar se torna mais intenso nessa fase, visto que opera como um modo

de se adequar, mesmo que de certa forma esse período funcione como uma “suspensão” das concepções de mundo do sujeito. Segundo Calligaris (2000):

Em outras palavras, há um sujeito capaz, instruído e treinado por mil caminhos – pela escola, pelos pais, pela mídia – para adotar os ideais da comunidade. Ele se torna um adolescente quando, apesar de seu corpo e seu espírito estarem prontos para a competição, não é reconhecido como adulto. Aprende que, por volta de mais dez anos, ficará sob a tutela dos adultos, preparando-se para o sexo, o amor e o trabalho, sem produzir, ganhar ou amar; ou então produzindo, ganhando e amando, só que marginalmente. (CALLIGARIS, 2000, p. 15-16).

Ao considerar o fato de que o adolescente redireciona seus desejos para outros objetos nesse período, pois a posição agora ocupada inflama no indivíduo sensações díspares, há uma nova idealização daquilo que se torna o eu e “[...] já podemos presumir que o trabalho psíquico da adolescência é determinante no que diz respeito ao encontro do sujeito com o laço social.” (COUTINHO, 2009, p. 125). São os conflitos internos que o fazem perceber que mesmo perdido, este impasse possibilita que o sujeito conheça novas maneiras de lidar com aquilo, pois essas perturbações se impõem frequentemente.

Isso faz com que os adolescentes cultivem identificações, ou seja, procuras desenfreadas por alguém que sofra ou entenda suas angústias, no entanto essas identificações podem ocorrer também nas fantasias, nas quais os sujeitos podem encenar diferentes papéis, inclusive o seu próprio oposto. Partindo dos pressupostos teóricos acerca da fantasia, estabelecidos por Sigmund Freud, Ferreira (2018) aponta que é possível encontrar a ideia de que “as transformações do corpo púbere implicam transformações

psíquicas.” (FERREIRA, 2018, p. 115).

Sob essa perspectiva, as novas características sexuais causam impactos na criação de uma nova subjetividade, a via psíquica comporta, então, as impressões externas da realidade e recepções internas que geram excitações. Sendo assim, umas das buscas mais intensas do sujeito na adolescência é o encontro com o próprio Eu, perdido nesse percurso insólito que provoca a busca de novas identificações. Ferreira (2018) evidencia ainda como o indivíduo tenta encontrar por meio da fantasia esse objeto primitivo da infância, pois “supõe-se que essa busca permaneça como modelo de satisfação que acompanha os indivíduos ao longo da vida e cujo destino, em grande parte, tende a ser uma renúncia.” (FERREIRA, 2018, p. 120).

Acerca das fantasias na puberdade, Freud (2016) afirma:

Entre as fantasias sexuais da época da puberdade, destacam-se algumas que se caracterizam pela ocorrência bastante generalizada e por serem, em grande medida, independentes da experiência individual. São as fantasias de espreitar o ato sexual dos pais, da sedução por parte de pessoas amadas quando era pequena, da ameaça de castração, as fantasias com o útero materno, de estar em seu interior e até mesmo ter experiências ali, e o assim chamado “romance familiar”, em que ela reage à diferença entre sua atitude para com os pais agora e na infância. (FREUD, 2016, p. 148)

A renúncia, aqui, está relacionada ao escanteamento do mundo infantil, visto que o processo de transformação na constituição do indivíduo adulto implica nesse abandono. No entanto, essa é uma das renúncias mais difíceis da vida, uma vez que o contexto infantil engloba, geralmente, o amor dos pais e a proteção desses primeiros objetos. Desse modo, a adolescência irrompe como a quebra, também, dessas posições parentais, tendo em vista que ocorre um “desligamen-

to" de autoridade dos adultos e uma maior independência do adolescente.

Tal conjuntura reflete no modo como o sujeito se enxerga e percebe o mundo à sua volta, de maneira que há uma busca incessante pelo reconhecimento pessoal recalcado que existia na infância e "a fantasia cumpre a função de dar um sentido, mesmo que submetido ao recalque, ao conteúdo latente não consciente. Trata-se de um substituto, uma saída, um caminho, para essas forças recalçadas." (FERREIRA, 2018, p. 84).

Por fantasia, compreendemos o meio pelo qual o indivíduo enfrenta o desprazer, ou seja, uma defesa e uma proteção psíquica que pode se tornar repetitiva permanentemente. Se na infância, o brincar é a forma pela qual a criança expressa seus desejos perante o mundo social, no processo de maturação do sujeito "os objetos da brincadeira podem até ser abandonados, mas o brincar se transforma no mundo dos castelos no ar, ou seja, em fantasia." (FERREIRA, 2018, p. 162).

Posto isso, é imperativo acrescentar ainda os respaldos teóricos de Juan-David Nasio (2007), o qual discorre que "a fantasia tem como função substituir uma satisfação real impossível por uma satisfação fantasmática possível. O desejo é então parcialmente saciado sob a forma de uma fantasia que, no cerne do inconsciente, reproduz a realidade." (NASIO, 2007, p. 11).

Além disso, o reconhecimento pela própria imagem faz com que o adolescente recorra a sinais e marcas de reconhecimento, como roupas, vocabulário e gestos para sustentar, simbolicamente, aquilo que ele compreende como seu eu ideal (COUTINHO, 2009). Acerca disso, Sigmund Freud em seu texto "O Mal-estar na Civilização" (1930), salienta que "[...] o sentimento do Eu está sujeito a transtornos, e as fronteiras do Eu não são permanentes." (FREUD, 2010 p. 17). De acordo com esses apontamentos freudianos,

compreende-se que muitas das aflições que cercam os jovens derivam dessas mudanças do Eu, como a angústia e a ansiedade, sentimentos tão recorrentes na realidade juvenil. Segundo, Freud (2010):

A ideia de que o homem adquire noção de seu vínculo com um mundo por um sentimento imediato, desde o início orientado para isso, é tão estranha, ajusta-se tão mal à trama de nossa psicologia, que podemos tentar uma explicação psicanalítica [...]. Normalmente nada nos é mais seguro do que o sentimento de nós mesmos, de nosso Eu. Este Eu nos aparece como autônomo, unitário, bem demarcado de tudo o mais. Que esta aparência é enganosa, que o Eu na verdade se prolonga para dentro, sem fronteira nítida, numa entidade psíquica inconsciente a que denominamos Id [...] (FREUD, 2010, p. 16).

Se as fronteiras não são permanentes, as fantasias operam de forma a estabelecer um retorno ao prazer, e se o sentimento de pertencer a si e se reconhecer assim é o mais seguro para um indivíduo, ele pode encontrar essa realização em suas fantasias. Vale ressaltar que essas fantasias são inconscientes e funcionam como uma encenação dramática, elas estão sempre influenciando os comportamentos perante a realidade. "A fantasia é uma cena virtual, uma representação abstrata e condensada de nossas tendências inconscientes." (NASIO, 2007, p. 15).

Por fim, a fantasia parasita o Eu e aquilo que é enxergado na realidade não é a sua verdadeira face, mas a representação daquilo que é fantasiado e desejado (NASIO, 2007). Por isso, esse (re)conhecimento de si é potencializado por meio da fantasia, visto que "a fantasia organiza-se diante do perigo; ela é uma solução, a solução diante do perigo próprio do ser falante de se ver completamente apagado na cadeia desses significantes." (NASIO, 2007, p. 76).

Quem “Sou eu!”? o (re)conhecer perante o reflexo

O advento da noção de adolescência fez com que a literatura mergulhasse nos tempestivos conflitos juvenis, ampliando cada vez mais seus espaços. A literatura juvenil na contemporaneidade além de ter alcançado um crescente número de publicações, conseguiu diversificar seu caráter estético, estando, assim, cada vez mais em evidência (GREGORIN FILHO, 2011). Dessa forma, ao ouvir essas crescentes mudanças, a literatura passa a falar sobre as agruras da vida adolescente, por meio das singularidades que esse período carrega. Tais narrativas passaram, conseqüentemente, a ganhar profundidade, considerando que o leitor dessas obras foi ressignificado, vindo a ser percebido com contornos autônomos, deixando de ser considerado apenas um indivíduo apagado diante do vultuoso universo adulto.

Destarte, essas novas percepções fizeram com que as tramas juvenis contemporâneas, no Brasil, estabelecessem uma comunicação mais direta com o público destinatário desses textos, pois elas passam a tematizar questões que perpassam as realidades cotidianas dos leitores e que também divergem delas, de modo a possibilitar identificações e estranhamentos (GREGORIN FILHO, 2011). Impregnar na literatura as características da adolescência foi um dos principais fatores que ocasionou o grande boom dos mercados editoriais juvenis, principalmente nas décadas de 1980 e 1990 (CECCANTINI, 2000; LAJOLO; ZILBERMAN, 2022), fazendo com que as editoras passassem a ampliar as publicações de tais obras.

De fato, se as criações literárias passam a se debruçar sobre os infortúnios vividos na adolescência, ocorre também um denso processo de identificação, por meio do público leitor. No entanto, essa literatura não se restringe ao público juvenil, ela, a todo

momento, ultrapassa barreiras e dialoga, também, com os adultos, de maneira humanizadora, por meio da integração entre o Eu-adulto (presente) com o Eu-criança (passado).

Do mesmo modo que a adolescência abarca as tensões entre o mundo infantil e o mundo adulto, a literatura juvenil – em suas primeiras composições – também comportava em si as diferenças entre os dois polos. Malgrado perdesse essa polarização, foi se instaurando nos escritos dos autores cada vez mais uma escrita questionadora, inquietante e que prepara o leitor para a vida (GREGORIN FILHO, 2011), como nos contos juvenis de João Gilberto Noll, em especial *Sou eu!*.

Tal configuração permitiu que temas considerados sensíveis também fossem abordados nas obras. Dentre vários autores dessa vertente destacam-se Luís Dill, com obras como *Letras finais*, *Pé na cova* e *Todos contra Dante*, além de João Miguel Marinho, com *Lis no peito: um livro que pede perdão*, e o próprio Noll, embora este último seja reconhecido majoritariamente como autor de literatura destinada ao público adulto. Além da clara aproximação com o mundo juvenil, é possível perceber, também, que as obras tendem a estabelecer diferentes intertextos, principalmente, com clássicos da literatura, como modo de tentar despertar nesse público o interesse por um “consumo” de literatura em cadeia.

Uma das formas mais recorrentes têm sido a utilização de grandes nomes e obras da literatura universal, fazendo, por vezes, com que a curiosidade dos muitos leitores seja aguçada, a exemplo de *Todos contra Dante*, que estabelece diversas referências com *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri. Outrossim, se os problemas identitários são o plano de fundo sobre o qual literatura juvenil é desenhada, ela, também, acompanha as dificuldades das relações sociais, que vão desde a família até a escola. Desse modo, as

obras juvenis conseguem desnudar inúmeros conflitos e propiciam conexões com o seu público leitor.

Uma das grandes questões que perpassa essa literatura é a da identidade, ou melhor, a busca da construção identitária (CECCANTINI, 2010). Esse processo que é tão intenso e subjetivo na adolescência, tende a ser abordado nas narrativas juvenis. Para isso, os autores buscam expressar de diferentes formas como esse processo ocorre, principalmente a partir de elementos simbólicos, tais como os espelhos.

Por isso, encontra-se uma gama tão rica de obras e personagens que, não apenas exemplificam o processo de construção de identidade, mas também são um meio pelo qual o adolescente pode construir a sua própria, como a personagem-protagonista do conto de Noll, *Sou eu!*. Sendo assim, percebe-se que é fundamental que os escritores adentrem nessa questão, visto que ela

Exige sensibilidade apurada dos narradores e/ou poetas para que não atentem contra a dignidade dos leitores, com a exploração de sentimentos e emoções, à sombra da moral e seus ressentimentos. É preciso fugir de lugares comuns, trabalhar a linguagem em todas suas nuances e possibilidades de sentido, valorizando, entre outros, os recursos sonoros, semânticos e sintáticos, para expressar o mundo em sua totalidade. (MARTHA, 2010, p. 34).

A literatura juvenil passa a utilizar novas formas de se apresentar ao leitor, visto que a partir dos anos 1980 há um apelo maior à visualidade e nos anos 2000 o arranjo de múltiplas linguagens, atenta também às transformações tecnológicas (GREGORIN FILHO, 2011). Para tanto, se inclui as ilustrações e os mais distintos suportes, como maneira de aproximar o jovem das manifestações imagéticas que surgem a partir dos textos. Na composição das ilustrações, per-

cebe-se as transformações da adolescência, construindo sentido, muitas vezes, em diálogo com o texto escrito. As narrativas em imagens refletem as mudanças da puberdade e os traços possibilitam enxergar certas imprecisões que remetem aos conflitos da adolescência, incidindo, nesse momento, uma maior elevação dos tons mais escuros, o que termina retomando esteticamente os sentimentos intensos desse período.

No entanto, há de se considerar as diferentes vertentes de jovem que se estabeleceram através do tempo, pois, de acordo com João Nicolau Gregorin Filho (2016):

Cada época e cada sociedade produzem, então, um jovem portador de determinados costumes, com determinadas aptidões e gostos e o mercado editorial busca, nessas características, a moldagem de uma literatura que consiga chegar a esse público. Evidente que determinados textos conseguem chegar mais rapidamente pela contribuição da mídia e por cair no gosto desse público e, com certeza, não serão aqueles adotados pela escola, mas aqueles que sairão na relação de mais lidos e serão adaptados para o cinema e exibidos no mundo todo. (GREGORINFILHO, 2016, p. 112).

Tais diagramações se desdobram sobre esse imenso universo da literatura juvenil e suas múltiplas possibilidades. Não obstante, compreende-se que a literatura passa a reverberar as nuances do sujeito adolescente, que ao se enxergar no texto, percebe que a literatura está mais próxima dele do que imagina, reconhecendo-se nos momentos de coragem e também de fraqueza protagonizados – não apenas por adultos, mas também por diferentes indivíduos com os quais encontra uma identificação física, social e subjetiva.

No que diz respeito às relações entre psicanálise e literatura, elas já são evidenciadas desde os primeiros escritos de Freud,

no qual ele utilizava de elementos literários para exemplificar suas teorias, como os mitos gregos. Sendo assim, como afirma Jean Bellemin-Noel (1978), “a finalidade da investigação [literário-psicanalítica] torna-se então esta: descrever os princípios e o leque de meios que a psicanálise colocou à nossa disposição para nos permitir ler melhor a literatura.” (p. 13). Da mesma forma que o psíquico não é constituído como um bloco único, a literatura, por meio da linguagem, deforma-nos ao provocar identificações e estranhamentos, “em suma, já que a literatura carrega nos seus flancos o não consciente e já que a psicanálise traz uma teoria daquilo que escapa ao consciente, somos tentados a aproximá-las até confundi-las.” (BELLEMIN-NOEL, 1978, p. 13).

Quando nos aproximamos da literatura juvenil brasileira contemporânea, percebemos características particulares que fomentam nosso objetivo aqui proposto. Um dos grandes destaques nessas narrativas são as ambivalências presentes, principalmente, quando atentamos para as crises de identidade e as buscas de papéis sociais que os autores destacam em suas personagens (KHÉDE, 1986). Tais singularidades são encontradas nas obras de um dos maiores escritores brasileiros contemporâneos, João Gilberto Noll (1946-2017), desde seus romances, como *Acenos e afagos* (2008), até seus contos, como *O nervo da noite* (2009) e *Sou eu!* (2009).

Em sua prosa poética, Noll transporta o leitor para outra realidade, na qual ele é guiado a mergulhar nas insígnias de sua escrita, de maneira que, ao fim de cada leitura, novas percepções sejam obtidas acerca do texto. Noll é conhecido por suas narrativas psicológicas e não-lineares que requerem de seus leitores muito fôlego.

De maneira excepcional, o autor que é reconhecido por sua literatura “adulta”, adentrou na literatura juvenil com seus contos,

que não perdem as características da escrita do autor e permitem ao leitor uma gama de interpretações. Em *Sou eu!*, Noll evidencia os percalços que um sujeito enfrenta ao passar a adolescência. De forma extremamente poética, o conto nos revela as aventuras que dois amigos, um da cidade e um do interior, vivenciam. Por meio da dualidade, o autor revela como os opostos cercam a realidade e ao mesmo tempo a constituem, de maneira tal que eles também proporcionam identificações.

Ao longo da narrativa, a angústia das mudanças e de se reconhecer são evidenciadas e se destacam pelo lirismo que a materializa no texto. A trama é repleta de metáforas e analogias que, através das reminiscências da personagem principal, resgatam aquilo que se torna tão conflituoso para o adolescente, o trânsito identitário, no curto espaço-temporal de um dia.

O autor inicia o conto apresentando as duas personagens principais, o primeiro é um “menino urbano em férias na perdida Ribeirão do Alto, a olhar as nuvens imperiais de verão, e se sentia aéreo, distante [...]” (NOLL, 2009, p. 13) e o segundo, por sua vez, se opunha a realidade do anterior, pois era campesino. Essa realidade antagônica das duas personagens é sempre evidenciada durante a narrativa, “um na frente do outro, pareciam de início irmãos meio titubeantes, em razão de suas origens diversas, enraizadas, para um, no mato, para outro, na cidade grande.” (NOLL, 2009, p. 13).

No entanto, com o decorrer da trama, percebemos como são idealizados cada um deles e como essas diferenças eram rememorações de uma “[...] fantasiosa lembrança de uma mesma infância, mesmo que ambos já estivessem com um pé na adolescência.” (NOLL, 2009, p. 13-14).

Na primeira cena da história, os dois meninos se dirigem a um rio para nadar e lá, “[...] por mais que encenassem uma loco-



moção aquática fluente, não saíam do lugar.” (NOLL, 2009, p. 16). Nesse momento, já percebemos como a fantasia se apresenta, pois elas “[...] constituem-se de coisas experimentadas e de coisas ouvidas. [...] Em outras palavras, a fantasia é um produto de experiências corporais articuladas com o campo da linguagem; constructos mnêmicos do aparelho psíquico.” (FERREIRA, 2018, p. 48).

Sendo assim, essa lembrança retoma os sentimentos onipotentes das encenações imaginárias na infância, na qual o sujeito se sente protegido ao brincar, pois a brincadeira é a sua realidade redesenhada. Ao regressar a essas memórias, a personagem consegue suportar aquilo que tanto a angustiava na realidade, ou seja, as intensas transformações que estava sofrendo. Essas mudanças podem ser percebidas no fragmento abaixo:

Um rapaz de barba recentíssima, que ainda não sabia vislumbrar a cara que teria no futuro próximo, quando enfrentasse enfim mais um dia como adulto. Por isso agora ele estava ali, na frente do espelho. Passava o aparelho de barbear do pai pelos dois lados da face. E se sentia ainda incapaz para o novo rosto que custaria a brotar. Por isso estava ali, tentando raspar o buço, para que, como uma planta que renasce mais forte pela poda, a barba pudesse se instalar definitivamente e em seu semblante revelar o homem já completo. Ele era simplesmente assim. (NOLL, 2009, p. 17-18).

Com as mudanças advindas da puberdade, o adolescente se sente confuso e muitas vezes não se reconhece, por isso as fantasias são tão intensas nessa fase. O espelho aqui representa um elemento simbólico, no qual o sujeito deveria se reconhecer, mas que na adolescência se torna um processo de reconhecimento tortuoso, pois “[...] o adolescente vive a falta do olhar apaixonado que ele merecia enquanto criança e a falta de palavras que o admitam como par

na sociedade dos adultos. A insegurança se torna assim o traço próprio da adolescência.” (CALLIGARIS, 2000, p. 25).

Nesse sentido, como afirma Nasio (2007), é necessário a perda da identificação para que o sujeito possa se tornar, também, objeto; e na fantasia, do ponto de vista psicanalítico, somos aquilo que perdemos. Esse estranho, agora, consegue ser compreendido pelo outro amigo que, por vezes, se confunde com ele mesmo. Veja o trecho abaixo:

E olhava-se no espelho como a pedir ao rosto que lhe mirava um socorro em surdina, [...] de onde as lágrimas lentas escorriam provavelmente de uma dor que só aos dois falava. [...] Por um momento achou que a imagem turva no espelho embaçado poderia pertencer a seu amigo dos campos em flor. Mas era ele quem continuava na frente do espelho, com a cara de sempre. Teria de se acostumar com o fato de ocupar continuamente o mesmo corpo. E dele não poderia se extraviar jamais. (NOLL, 2009, p 18-20).

O crescente sentimento de desamparo durante a adolescência torna-se causa de aflições, fazendo com que o sujeito busque amparo. Para isso, geralmente, ele recorre a duas alternativas: se isolar (mergulhado em um estado de profunda solidão) ou se agrupar (associando-se a grupos que compartilham de afinidades). No caso da personagem aqui analisada, ele recorre ao amigo como meio de reconhecimento de si. Dessa forma, o garoto da cidade encontra no amigo do campo, aquilo que falta nele, ou seja, a sua necessária sensação de completude.

Contudo, esse ideal de completude varia de acordo com as diversas situações na qual um adolescente pode estar inserido. Em *Sou eu!*, percebemos que o menino urbano é representado pela escuridão, que remete à confusão que ele está vivendo, já que seu amigo de Ribeirão do Alto, é simbolizado com elementos referente à luz.

Assim como pontua Ferreira (2018), a busca pela satisfação original faz emergir um impulso psíquico que articula a necessidade, a percepção, a satisfação e a memória, de modo a tentar reestabelecer o aprazimento. Compreendemos, então, que a maneira pela qual a personagem encontra a satisfação é através das lembranças. Mas não se pode esquecer que a lembrança é uma fantasia, pois ela é estabelecida de modo transferencial ao amigo do campo e o “que é a transferência senão uma história passada tornada em fantasia hoje?” (NASIO, 2007, p. 70). “Na tarde já madura os dois pouco falavam. Mas queriam saber, um do outro, para onde se dirigiam depois. Acontecera uma pane em seus itinerários. Eles precisavam restaurar alguma destinação.” (NOLL, 2009, p. 25).

Outro elemento que carece destaque é o tempo, pois, na narrativa, é demarcado pela água que corre no rio e o vento que tangia, de maneira lenta e rápida paradoxalmente, que demarcam também a passagem/transformação da infância para a adolescência, uma vez que o vento carrega essas particularidades do sujeito, assim como o rio transporta esse corpo para outra margem, metaforicamente.

Nessa viagem, percorrida durante o dia, ao andarem por uma estrada, os dois garotos se depararam com um cachorro. “O menino rural se agacha e o cachorro põe-se a lambar a sua fisionomia, até o rapaz ficar com os traços meio desbotados, quase a ponto de desaparecer” (NOLL, 2009, p. 28). A narrativa nos apresenta a imagem desfigurada desse outro, no qual o menino citadino se percebia, mas que na realidade não o compunha mais, pois estava enfrentando os percalços da adolescência. Aquela fisionomia – do menino rural – que remetia à infância da personagem principal, agora não é mais tão fácil de ser reconhecida e passa a se fragmentar.

Conforme explicita Nasio (2007), “[...]

há fantasia quando a imagem significa alguma coisa para o sujeito; nesse caso a imagem é um signo; e, quando a imagem leva o sujeito à ação, a imagem é um significante.” (p. 82). Posto isto, podemos relacionar como o menino do campo, enquanto imagem, é também um significante para o garoto da cidade, pois é a felicidade da infância ao lado do amigo caipira que faz a personagem principal suportar as intensas perturbações que o acometem ao não se reconhecer, o que configura a ação nos pressupostos de Nasio (2007).

Desse modo, as imagens começam a se fundir no imaginário do protagonista e ele passou a questionar sua própria identidade, como podemos perceber nesse fragmento da obra:

Foi, sim, com grave impacto que o garoto das motos e avenidas viu que se tratava justamente de sua própria face. Sentiu um calafrio e recuou um, dois passos. Parecia uma quebra entre o rapaz da poeira da estrada e o garoto urbano que sempre se imaginara único. Tinham sido uma pessoa só? Davam-se conta disso só agora? Tão logo ele iniciou suas reflexões, a imagem do outro lado do lago negro voltou a ser de quem ela pertencia: do menino caipira [...] (NOLL, 2009, p. 36).

O conto percorre distâncias que extrapolam as rotas mais longínquas, sendo, este, um elemento constitutivo da narrativa. A distância entre a estrada de terra do campo e o rude asfalto da cidade, de uma margem do rio à outra, da entrada da caverna à saída, remetem ao tortuoso caminho que separa a infância da adultez, conhecido como adolescência. Tal caminho, é percorrido pelo menino urbano, no conto, e ao voltar para casa, ainda no campo, se depara com seu amigo do outro lado da cerca; assim, separados, o menino infantil se apartava do adolescente.

Dessa forma, os aspectos que apresentamos nessa análise são reforçados, como a

fragmentação do eu, a oposição entre passado e presente, o olhar do outro, que ao final de tudo, se confunde consigo mesmo. Esse reconhecimento como significativo, em meio a tantos significados, faz com que o sujeito, como em frente a um espelho que revela a sua imagem – enquanto metáfora, permita-se ser (re)conhecido, como podemos constatar abaixo:

Viu o amigo dos campos a olhá-lo atrás de uma cerca. O rapaz urbano aproximou-se. E os dois se olharam sem dizer palavra. Os dois se perguntaram ao mesmo tempo se a realidade estava ali, cada um de um lado da cerca, ou se na noite que invadiu o bosque e os tomou. O cão veio correndo e latindo, em festa. Um bicho são e salvo. O rapaz urbano mirou no fundo os olhos do amigo e indagou calado se ele era aquele caipira mesmo ou esse daqui, do outro lado, esse garoto em temporada de férias na terra do pai. Poderia tirar a limpo essa questão? Lembrou a figura que o olhava do lado de lá do lago negro. Fitava-o com o mesmíssimo rosto dele, o contemplado. Exatamente como num espelho. (NOLL, 2009, p. 41)

Destarte, compreendemos como as fantasias constituem a moratória psíquica dos sujeitos e, a partir dela, a realidade é moldada. O menino da cidade agora completou sua travessia, ele está do outro lado e pode se enxergar, apesar de toda a confusão que o acometeu. Lembramos então aquilo que afirma Freud (1908), “[...] toda fantasia individual é uma realização de desejos, uma correção da realidade insatisfatória.” (p. 57). Desse modo, o rapaz está de volta ao seu lar e nele, estava livre da infância e agora “[...] encheu o peito e exclamou, ‘Sou eu!’” (NOLL, 2009, p. 43).

## Considerações finais

De fato, como se pode perceber, apenas há pouco tempo a adolescência se tornou objeto de diversos estudos, visto que sua consolidação ocorre no século XX (COUTINHO, 2009). Anteriormente ao surgimento de seu conceito, como situa Coutinho (2009), o jovem era visto no que tange ao seu físico e a moral, não sendo um grupo social relevante. No entanto, contemporaneamente, o adolescente passou a ocupar um lugar de destaque nas divisões hierárquicas da sociedade, seu caráter transgressor tem chamado a atenção de diversos setores da indústria, da ciência e da arte, como a criação de nichos específicos para atender as necessidades desse público. Mas, aquilo que perpassa por todos os âmbitos, sem dúvidas, são as grandes angústias e aflições que esse período da vida traz aos sujeitos. Logo, o olhar cultural sobre esses indivíduos vem adquirindo cada vez mais força e na literatura são diversas as suas formas de representação.

Na escrita de João Gilberto Noll, encontra-se uma linguagem única que incorpora as diversas nuances que perpassam o sujeito adolescente. Com sutileza e qualidade, o autor, de forma autêntica, estabelece diálogos, por meio de seus escritos, com a população jovem leitora. Suas narrativas juvenis encantam pela forma como os temas são abordados, de forma intensa e com uma gama de possibilidades, que através do fascínio literário se desdobra diante da relação do leitor com a obra, uma vez que as abordagens temáticas são passíveis de diferentes identificações, como a questão identitária presente no conto analisado.

Não obstante, a psicanálise subverte os sentidos, ao colocar em evidência as mais diversas excitações de um indivíduo ao defrontar-se com a literatura. Seja como for a realização do desejo através da literatura, as fantasias inconscientes estão perpassando

esse caminho. Em *Sou eu!* somos levados a mergulhar nas reminiscências de uma infância da qual a personagem utiliza como artifício para suportar as mudanças que a adolescência a impõe. De maneira tal que o protagonista utiliza da memória de um amigo para conversar com seu eu infantil que aos poucos vai desvanecendo em sua memória. Digamos, então, que os graus e formas de identificações são infinitos e o menino da cidade projeta em seu oposto aquela parte sua que é satisfatória, como suporte à sua aflição. Assim, consegue passar por todos os percalços da adolescência e, finalmente, se reconhecer perante o outro, que, neste caso, torna-se o próprio protagonista.

## Referências

BELLEMIN-NOEL, Jean. *Psicanálise e literatura*. São Paulo: Cultrix, 1978.

CALLIGARIS, Contardo. *A adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2000.

CECCANTINI, João Luís Cardoso Tápias. *Uma estética da formação: vinte anos de literatura juvenil brasileira premiada (1978-1977)*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista. Assis, p. 462, 2000.

CECCANTINI, João Luís Cardoso Tápias. *Conflito de gerações, conflito de culturas: um estudo de personagens em narrativas juvenis brasileiras e galegas*. *Letras de Hoje*, [S. l.], v. 45, n. 3, 2010. Disponível em: <https://revista-seletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/8125>. Acesso em: 28 maio. 2023.

COUTINHO, Luciana Gageiro. *Adolescência e errância: destinos do laço social no contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nau: FAPERJ, 2009.

FERREIRA, Carlos Alberto de Mattos. *Freud e a fantasia: os filtros do desejo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

FREUD, Sigmund. *O poeta e o fantasiar*. In:

FREUD, Sigmund. *Arte, literatura e os artistas*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

FREUD, Sigmund completas, volume 18: *o mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. *Obras completas, volume 6: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1902-1905)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

GREGORIN FILHO, João Nicolau. *Literatura juvenil: adolescência, cultura e formação de leitores*. São Paulo: Melhoramentos, 2011.

GREGORIN FILHO, João Nicolau. *Adolescência e literatura: entre textos, contextos e pretextos*. *Revista FronteiraZ*, São Paulo, n. 17, p. 110-120, dez. 2016.

KHÉDE, Sonia Salomão. *Personagens da literatura infanto-juvenil*. São Paulo: Editora Ática, 1986.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história & histórias*. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

MARTHA, Alice Áurea Panteado. *Alice ainda mora aqui: narrativa juvenil contemporânea*. *Estudos de Literatura Contemporânea*, Brasília, n. 36, p. 31-44, jul./dez. 2010.

NASIO, Juan-David. *A fantasia: o prazer de ler Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

NOLL, João Gilberto. *Sou eu!* São Paulo: Scipione, 2009.

Submissão: maio de 2023

Aceite: julho de 2023